

## **EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE HORTALIÇAS AGROECOLÓGICAS NO ASSENTAMENTO VILA SANTA LUCIA (GOVERNADOR NEWTON BELLO-MA)**

Marjorie J F Silva<sup>1\*</sup>; Jefferson F Borralho<sup>2</sup>; Letícia M S Silveira<sup>3</sup>; Tainan S Pereira<sup>4</sup>; Simone S Sousa<sup>5</sup>; Isaac G Bernat<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Agronomia- UEMA Campus Paulo VI, marjorie.jeanine@hotmail.com;

<sup>2</sup>Graduando em Agronomia- UEMA Campus Paulo VI, jeffesonfb@hotmail.com;

<sup>3</sup>Graduanda em Agronomia- UEMA Campus Paulo VI, letidy@outlook.com;

<sup>4</sup>Mestrando em Agroecologia- UEMA Campus Paulo VI, tainan.tsp@hotmail.com;

<sup>5</sup>Mestranda em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares-IFPA e Bolsista FAPEMA, Campus Castanhal, symonyvida@yahoo.com.br

<sup>6</sup>Docente, UEMA, neri54@yahoo.es

### **Resumo**

O presente trabalho foi desenvolvido em Governador Newton Bello, especificamente no Assentamento do Estado Vila Santa Lucia, iniciado com a ocupação no dia 28 de agosto de 1993, após intenso processo de luta por parte das famílias vinculadas à organicidade do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra – MST. Com o intuito de reduzir a forte exclusão social que se vivencia no contexto rural maranhense, surge o Programa Mais Extensão, beneficiando 54 famílias loteadas numa área de 454,98 hectares divididas em parcelas individuais e que mantem uma área central de produção coletiva, local definido para ações de extensão norteadas por princípios metodológicos participativos e transversais junto à comunidade. O período de Observação Participante, resultou diálogos informais, participação em reuniões do Setor de Produção e Assembleia Geral, assim houve planejamento de atividades ao longo dos 19 meses de vigência do projeto. A Equipe pode vivenciar como se estabelecem as relações sociais no campo, a questão de gênero, o debate sobre a permanência da juventude no campo, a compreensão sobre a organicidade do MST e o avanço do processo de transição agroecológica.

*Palavras-chave: Produção, Reforma Agrária, Agroecologia.*

---

## Introdução

Ainda que passados mais de trinta anos desde a criação das formas de luta pela terra que caracterizam a ação dos movimentos sociais no campo, e mesmo depois de duas tentativas governamentais para resolver a questão agrária através de dois Planos Nacionais de Reforma Agrária – PNRA, seus desdobramentos diversos e complexos continuam hoje plenamente vigentes.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST é um dos movimentos sociais que protagoniza essa luta, sendo reconhecido como uma organização de caráter político, com grande influência nas mudanças políticas, econômica e sociais do Brasil. É considerado um dos mais organizados movimentos camponeses em escala mundial (1-3) e tem se constituindo numa força social capaz de movimentar grandes massas em prol dos seus objetivos (3).

As nuances que acompanham os processos para a aplicação e consolidação da Reforma Agrária, transformam a aplicação desta política pública para além de um desenvolvimento rural que pretende, apenas, diminuir as alarmantes diferenças sociais que existem no país. A aplicação da Reforma Agrária passou a ser um instrumento que propicia uma transformação política de longo alcance para as pessoas que participam. Nos territórios conquistados (assentamentos) ou em disputa (acampamentos), as famílias vinculadas ao MST não se limitam a procurar respostas primárias de sobrevivência à miséria da que provêm, com seu proceder questionam o avanço das relações capitalistas no campo, colocando encima da mesa elementos concretos em forma de escolas, associações de diversa natureza ou produção com matriz agroecológica.

No caso do Estado do Maranhão, os processos de luta pela terra protagonizados

por famílias vinculadas ao MST obtiveram já a partir da metade da década de 1980 suas primeiras vitórias, mesmo que estas foram pequenas se levamos em consideração o importante número de famílias que queriam aceder ou regularizar suas terras. Atualmente estes processos por aceder ou legalizar o uso da terra seguem plenamente vigente, sendo habituais os casos de conflito e violência entre posseiros, índios, quilombolas ou Sem Terra e aqueles que se dizem donos das áreas em litígio.

O Assentamento onde realizou-se o projeto está localizado a quatorze quilômetros da sede do município Governador Newton Bello, na conhecida como Mesorregião do Oeste Maranhense (ver Figura 01) restando a 280 quilômetros da capital, São Luís.

O Assentamento do Estado Vila Santa Lucia foi criado no ano de 1996 depois de um intenso processo de luta por parte das famílias, iniciado com a ocupação no dia 28 de agosto de 1993. O Instituto de Colonização e Terras do Maranhão – ITERMA assentou na antiga fazenda 40 famílias numa área de 454,98 hectares, apesar que atualmente moram no Assentamento um total de 54 famílias<sup>1</sup> (ver Figura 02). O Assentamento está loteado em parcelas individuais e mantém uma área central coletiva onde há um antigo açude que abastece de água às casas próximas assim como às hortas constituídas em volta (numa área aproximada de 3.000 metros quadrados). Foi justamente nessa área coletiva que fica em volta do açude, onde já se encontram as hortas, que foi construído um viveiro.

Todas as famílias do Assentamento fazem parte da Associação Unidos Venceremos dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento Vila Santa Lucia, entidade que foi interlocutora da atividade entre as famílias e a coordenação do projeto. Assim

de pessoas que uma vez constituíram família permaneceram no Assentamento.

---

<sup>1</sup>Essas quatorze famílias que moram na área sem ser formalmente assentadas são as conhecidas como “agregadas”, se trata de filhos

mesmo, o presidente dessa Associação, que é técnico agrícola, também fez parte da Equipe Executora.

Na última década a horta se consolidou como complemento de renda familiar à tradicional produção de arroz e mandioca. Atualmente existem em torno de trinta hortas no Assentamento, vinte das quais localizadas na área coletiva e o restante nos lotes individuais, que ainda produzem um número reduzido de alimentos<sup>2</sup>. A comercialização da produção é realizada diretamente pelos produtores, uma vez por semana, na feira do município de Governador Newton Bello; com anterioridade, até o ano de 2014, dezoito das famílias assentadas entregavam parte da produção ao Programa de Aquisição de Alimentos – PAA, um dos objetivos deste projeto foi retomar esta linha de fornecimento de alimentos ao Governo Federal através da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB.

O trabalho objetivou atender uma demanda pautada pela Associação que agrupa as famílias do Assentamento, buscando assim a qualificação da produção nas hortas existentes permitindo, dessa forma, um aumento da renda e, conseqüentemente, da qualidade de vida. Ao mesmo tempo, as ações planejadas tinham o intuito de fortalecer a estrutura associativa presente oferecendo auxílio para uma possível estruturação cooperada mais complexa que a atual.

### **Objetivos**

- Apoio as formas associativas e cooperadas para a produção e comercialização de hortaliças existentes no Assentamento do Estado Vila Santa Lucia (Governador Newton Bello-MA);
- Ampliação e aperfeiçoamento dos conhecimentos e práticas agroecológicas em horticultura entre as famílias assentadas, através da construção de uma

estufa e a realização de diversas oficinas de capacitação, em três etapas durante dezenove meses;

- Reforço dos canais de comercialização existentes (feira municipal) e capacitação de novas formas de escoamento da produção (PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE).

### **Metodologia**

Ao longo dos 19 meses de vigência do projeto, antes de cada uma das visitas ao campo, realizou-se seções de estudo sobre a agroecologia e sua implementação na produção de hortaliças, assim como da questão agrária no Maranhão e do processo de criação do Assentamento do Estado Vila Santa Lucia.

Até julho de 2017, foram realizados três trabalhos de campo, ações de extensão, norteados por princípios metodológicos participativos e transversais, onde uma Equipe junto à comunidade planejou construir um viveiro, produzir mudas e implementar oficinas de capacitação para a produção e comercialização de hortaliças. A pesquisa foi levada na pretensão de colocar o conhecimento dos pesquisadores em igualdade ao conhecimento local dos produtores (4-5). Os trabalhos de campo consistiram em observações do cotidiano dos assentados no período denominado Observação Participante, que envolveu diálogos informais, participação em reuniões do Setor de Produção, a Coordenação do Assentamento, Assembleia Geral, e assim o grupo também pode desenvolver atividades de acordo com as demandas que ali eram geradas.

Houve um período de planejamento das atividades realizadas pelos/as estudantes, com o apoio dos professores e dos técnicos especializados que foram as seguintes: Cursos

---

<sup>2</sup> Sendo estes: alface, cheiro verde, couve, pimenta de cheiro, vinagreira e quiabo.

técnicos/oficinas de formação e capacitação das famílias assentadas como “Construção de uma estufa e realização de oficinas para a produção de mudas de hortaliças e frutíferas”; “Agroecologia e agricultura orgânica na produção de hortaliças”; “Formas cooperadas de produção e comercialização de hortaliças”. Estes cursos técnicos/oficinas de formação e capacitação teriam duração em torno de oito (8) horas. Para poder realizar este projeto contamos com as estruturas físicas que nos oferece a Universidade Estadual do Maranhão, como os Prédios dos Programas de Pós- Graduação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (Campi Paulo VI, São Luís) e da História (Rua da Estrela, 329, São Luís) – que disponibilizam espaços adequados tanto para preparar as oficinas como para realizar as atividades preparatórias antes de ir a campo. Assim mesmo o grupo de pesquisa, Núcleo de Estudos da Questão Agrária Brasileira – NEQAB, disponibilizou suas estruturas de pesquisa (computadores, scanners, notebooks e câmera fotográfica) para realizar este projeto.

A comunidade que foi beneficiada, através da Associação Unidos Venceremos dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento Vila Santa Lucia, disponibilizou alojamento para os estudantes e membros da equipe que se deslocaram até o Assentamento.

### **Resultados e Discussões**

#### **I – Etapa entre os dias 16 de julho à 01 de agosto de 2016**

O projeto, em primeira fase consistiu na construção de uma estufa para Produção de Mudas olerícolas, houve grande contribuição dos assentados, onde eles escolheram o local a ser construído, participaram na limpeza da área, logo se iniciou a construção, buscou-se também aproveitar materiais já disponíveis no local para compor a estrutura.

Foram realizadas três oficinas para a formação técnica, foi desenvolvido mediante a metodologia

participativa do estágio de vivência; desta forma, a equipe de trabalho fica hospedada nas casas das famílias assentadas. O grupo também participou em uma das aulas e dinâmicas pedagógicas de alfabetização do programa “Sim, Eu Posso”.

No decorrer dos dias a equipe fez visitas em diversas casas, observando a realidade do local assim como suas formas de vida, costumes, tradições, dialogando, interagindo com todos na busca de compreender suas necessidades como um todo, houveram questionamentos sobre o “por quê” da equipe ter se inserido ali e assim foi explicado o motivo de nossa presença no Assentamento com muita delicadeza.

#### **II – Etapa entre os dias 15 de fevereiro à 23 de fevereiro de 2017**

A equipe iniciou com uma análise da área produtiva do Assentamento, observando e escutando os produtores sobre a proliferação de determinados patógenos e pragas em suas hortaliças. Houve o reconhecimento da área, e observação dos Quintais Produtivos de algumas famílias, com o intuito de recolher amostras de plantas acometidas por pragas/patógenos, e enviar para análise laboratorial na Universidade Estadual do Maranhão, para que assim pudesse trazer a solução do problema para o agricultor. O grupo deu continuidade da tarefa de construir o Viveiro para Produção de Mudas. Outra atividade desenvolvida foi a organização em uma noite de Cinema na vila, com desenhos animados que mostrassem as crianças o significado e importância da Agroecologia, e Educação ambiental. Ainda nesse período para finalização do estágio, realizou-se oficinas sobre Compostagem e Biofertilizante, e a Produção de Mudas no Viveiro já finalizado.

#### **III- Etapa entre os dias 02 de agosto à 11 de agosto de 2017**

Três semanas antes do início formal das atividades nos reunimos com membros da coordenação do

Assentamento para reparar as atividades da terceira operação, sendo estas: A implantação de um Sistema de Irrigação por gotejamento, houve uma reunião de apresentação e esclarecimento sobre a implantação desse sistema, onde foi discorrido sobre a importância da irrigação para o plantio, e como a água é fator determinante neste processo, bem como para a sobrevivência todos os seres vegetais e animais do planeta. Na atualidade vivemos escassez de água, portanto, se faz necessário minimizar o desperdício de água no mundo. Apresentamos alguns modelos de irrigação como: microaspersão, chick chick e por gotejamento. Para continuidade desta atividade, foi criado um croqui da área da horta juntamente com o grupo de jovens do Assentamento. Realizou-se a instalação da caixa d'água, mudança de encanação e organização dos materiais com contribuição dos agricultores. A ausência de alguns materiais impossibilitou a conclusão da tarefa de imediato.

Houve o deslocamento de parte da equipe para a Feira do município Governador Newton Bello, este momento foi importante para perceber a dinâmica da comercialização dos produtos oriundos dos Assentamentos 28 de Agosto e do Acampamento 16 de Abril, no intuito de compreender quais são esses produtos, quantos e quem são os agricultores que participam e se tem demanda no mercado para sua produção. Também foi planejado uma noite Cultural para participação das crianças da comunidade, mas também teve a presença de jovens e adultos. Foram exibidos alguns curtas de animação sobre agroecologia. Houve apresentação de dança pelo grupo de jovens do assentamento e dança de bumba meu boi. Outra atividade desenvolvida para os jovens foi uma oficina sobre Expressão Corporal e reunião do coletivo da Juventude do Acampamento 16 de Abril, expondo sobre a importância dos jovens

do campo para a construção do projeto popular para o Brasil.

Ocorreu uma oficina de planejamento e comercialização da produção, a maior parte presente eram mulheres. Os assuntos debatidos nesta oficina foram: planejamento da produção para anteder a demanda do PAA e PNAE, como entender a dinâmica do mercado, para não ficar presos aos mercados institucionais, principalmente diante da conjuntura política atual; marketing como importante mecanismo para atrair novos clientes; e diversificação da produção, sobretudo produtos potenciais no mercado. Para conclusão das atividades da 3ª Etapa foram realizadas limpeza e organização do viveiro. Surpreendeu positivamente a grande participação das famílias como um todo, crianças, jovens e adultos. Fruto deste trabalho, foi possível plantar cerca de cem mudas de pepino, alface, mamão e quiabo.

As atividades a campo foram se desenvolvendo normalmente, apenas com alguma limitação por causa de questões que comportam o trabalho junto a movimentos sociais seguindo os princípios participativos. O processo de transição agroecológica está evidentemente acontecendo, assim como o MST, a equipe buscou trabalhar esse ideal nas atividades que ali eram desenvolvidas, já sabendo que é um processo e que o modelo de produção não é modificado em um curto espaço de tempo, é necessário reapresentar alternativas que foram substituídas por técnicas que geram transtornos tanto para o solo como à saúde humana, por exemplo, a aplicação de agrotóxicos. Avanços foram obtidos, pois os agricultores observaram que comercialmente o produto agroecológico possui mais agregação de valor que um convencional, além de ser socialmente justo e economicamente viável produzi-lo. Uma das problemáticas enfrentadas foi a ausência das mulheres e jovens do Assentamento em espaços que eram voltados somente para Produção, a partir

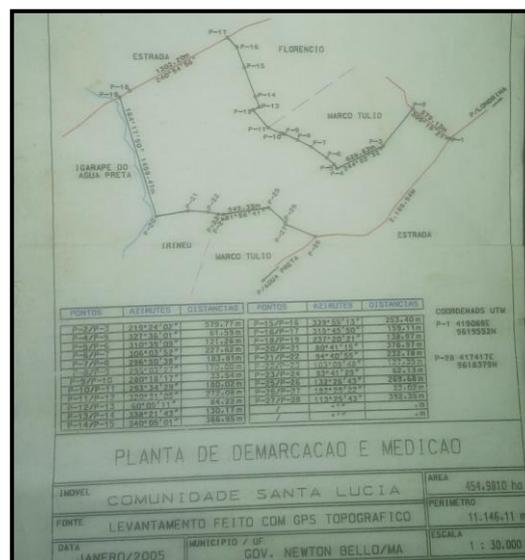
do momento que compreendeu-se que muitas das mulheres não poderiam deixar de lado suas tarefas diárias, buscou-se horários que as contemplassem. Também modificou-se a forma de abordagem com os jovens, através de dinâmicas em oficinas voltadas somente à eles e apresentação de documentários que mostravam o quão devem se atentar sobre a permanência no campo, qualidade de vida e sobre mudar a realidade na qual estão inseridos através da educação. Na III Etapa, houveram complicações ao aplicar o sistema de Irrigação, não somente pela falta de alguns materiais, mas também pela não aceitação de alguns trabalhadores da horta inicialmente. Após explicação sobre a eficiência do sistema quanto a otimização do tempo do agricultor e principalmente quanto a economia de água, houve aceitação. O intercâmbio de ideias que foi gerado entre estudantes e Assentados foi de um valor sem igual, o que antes era visto teoricamente na Academia foi colocado em prática, e o planejamento foi essencial para o funcionamento de cada ida da equipe a campo.

**Figura 1.** O município de Governador Newton Bello no contexto do Maranhão e do Brasil;



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Governador\\_Newton\\_Bello](https://pt.wikipedia.org/wiki/Governador_Newton_Bello)

**Figura 2.** O município de Governador Newton Bello no contexto do Maranhão.



Fonte: Planta de demarcação e medição do Assentamento do Estado Vila Santa Lucia, 2005.

### Conclusões

O projeto desenvolvido em Governador Newton Bello, mais especificamente no Assentamento do Estado Vila Santa Lucia buscou contribuir para a redução da forte exclusão social que se vivencia no contexto rural maranhense, especialmente nos 30 municípios do estado com menor Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, fomentando o desenvolvimento agrícola e econômico das famílias assentadas através da produção e comercialização de hortaliças agroecológicas. Houve a realização de diversas oficinas de capacitação e a construção de uma estufa tinha como intuito difundir, ampliar e aperfeiçoar os conhecimentos e práticas agroecológicas em horticultura entre as famílias assentadas. Paralelamente as atividades, a Equipe esteve vivenciando como se estabelecem as relações sociais no campo, como a questão de gênero, onde algumas mulheres possuem uma postura de liderança enquanto outras se resumiam apenas ao ambiente domiciliar e não participavam ativamente em atividades relacionadas à Produção, logo os horários das Oficinas foram adequados para que estas pudessem se fazer presentes. Quanto aos jovens, foi explanado em Oficinas

sobre o valor do território no qual estão inseridos, e o “por quê” reivindicar por melhorias, como por exemplo, saneamento básico, o aumento de oportunidades de empregos, e que não vejam como única opção se retirarem para os grandes centros urbanos sem uma perspectiva bem definida, logo a solução é a educação, e esse ideal já é desenvolvido desde cedo nos jovens assentados através de reuniões do Coletivo de Juventude do MST. Todas as famílias cuidavam de suas áreas de produção tanto coletivamente quanto de seus Quintais Produtivos, e compreendiam como é necessário reforçar os canais de comercialização existentes (feira municipal) e abrir novas formas de escoamento da produção (Programa de Aquisição de Alimentos –PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE). A Equipe em sua grande maioria era composta por estudantes do curso de Agronomia, e já com a formação teórica do conceito de “Extensão” forjado dentro da academia, puderam pôr em prática. A Comunicação foi uma problemática enfrentada e suprida, a partir do momento que se escuta as demandas do local, e permite que os Assentados sejam os protagonistas. Atividades como esta são essenciais em um país cuja Reforma Agrária anda a passos largos.

## Referências

1. MOVIMENTO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS SEM TERRA – MST. Nossa História. 2018 <<http://www.mst.org.br/nossa-historia/>>. Acesso em 30 mar. 2018.
2. BORGES, Juliano Luis. **MST: do produtivismo a Agroecologia**. São Paulo; Goiânia: Terceira Margem, 2010. 175p.
3. FERNANDES, B. M. Formação e territorialização do MST no Brasil. In: CARTER, M. **Desigualdade social, democracia e Reforma Agrária no Brasil**. In: **Combatendo a desigualdade social: o MST e a Reforma Agrária no Brasil**. CARTER, Miguel (org.). São Paulo: UNESP, 2010. p. 161 – 198.
4. GUZMÁN CASADO, F; SEVILLA GUZMAN, E. Diseño de métodos de desarrollo endógeno: el caso de Pegalajar. In GUZMÁN CASADO, G; GONZALES DE MOLINA, M; SEVILLA GUZMÁN, M. **Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible**. España: Mundi-Prensa, 2000. p. 465-484.
5. SEVILLA GUZMÁN, E. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Em: **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa, 2005. 517p.